

Agar Agar

Agar- Agar é um polissacarídeo complexo que se dispersa coloidalmente em meio aquoso a quente, formando, por resfriamento, um gel espesso não absorvível, nãofermentável e atóxico. Sua utilização principal é como base para meios de cultura (Bruneton, 1991). É descrita da seguinte forma pela Farmacopéia Brasileira 3ª Edição (1977):

“Usualmente em feixes consistindo de tiras finas, membranosas, aglutinadas; ou em formas granuladas, floculadas ou cortadas. Pode ser de cor laranja amarelada fraca, cinzenta amarelada a amarela pálida, ou incolor. É duro quando úmido e quebradiço quando seco; é inodoro ou tem odor fraco; produz sensação de mucilagem sobre a língua.

Histologia - Montado em água, o agar apresenta-se granular e um pouco filamentosos; podem estar presentes alguns fragmentos da espícula de espongiários e alguns frústulas de diatomáceas. Em agar japonesa as frústulas de *Arachnoidiscus ehrenbergii* Baillon ocorrem freqüentemente, tendo forma de disco e diâmetro de 100 a 300 µm.”

As qualidades do Agar Agar dependem da técnica empregada. Pode-se preparar o Agar Agar de formas diferentes: Secam as algas ao sol, batem-nas para destacar areias e conchas, lavam-nas com água doce e por fim descoram-nas ao ar e à luz. Para extrair a mucilagem fervem as algas preparadas na água doce, coam as geléias obtidas, a quente, e por fim submetem-nas a um arrefecimento conveniente: forma-se uma massa sólida que depois de cortada, em lâminas delgadas e estreitas, se expõe ao ar e ao frio para secar (Costa, 1994).

A indústria, inteiramente mecanizada, utiliza processos extrativos contínuos, centrifuga e filtra sob pressão as soluções obtidas, descora-as por métodos químicos ou com adsorventes, utiliza a eletrodialise para desmineralizar, e, por fim processos especiais de secagem (Costa, 1994).

Previamente analisam-se as algas, em particular doseia-se o conteúdo de mucilagens por processos análogos aqueles utilizados na extração industrial: fervura das algas, em particular se doseia o conteúdo de mucilagens por processos análogos aqueles utilizados na extração industrial: fervura das algas descoradas em volume apropriado de água e filtração a quente; depois do repouso necessário da solução extrativa em frigorífico, separa-se a geléia formada e por fim seca-se até o peso constante (Costa, 1994).

Nome Científico: *Gelidium cartilagineum* (L.) Gaillon. (Albino, 1926).

Nome Popular: Agar Agar, Agar, Gelosa, Gelose. (Albino, 1926).

Família Botânica: Gelidiaceae

Parte Utilizada: Mucilagem purificada e dessecada.

Princípios Ativos: É constituído por água, cinzas (examinadas ao microscópio), celulose, matérias orgânicas estranhas insolúveis na água e, finalmente, Mucilagens, sendo estas constituídas por Agarose e Agarpectina (Costa, 1994).

Indicações e Ações Farmacológicas: O Agar Agar é indicado como Adjuvante Farmacotécnico, como meio de cultura em Microbiologia, na indústria alimentícia como espessante, Cosmetologia é gelificante (SA, 1991).



Na prisão de ventre e nas constipações. É um adjuvante farmacêutico, utilizado na fabricação de supositórios emulsões, cápsulas, entre outras formas farmacêuticas. Em alimentos é usada em geléias, sorvetes, bebidas, conservas de carne, confeitos, entre outros (Teske, 1994). É indispensável na Bacteriologia para elaboração de meios de cultura (Bruneton, 1991).

Sua ação como laxativa suave se resume no fato de que a mucilagem purificada e dessecada possui a capacidade de aumentar o volume e hidratação do bolo fecal, regularizando o trânsito intestinal (Teske, 1994).

Toxicidade/Contra-indicações: Em doses elevadas, pode provocar diarreia intensa. É contra-indicado o uso interno na obstrução intestinal (Teske, 1994).

Dosagem e Modo de Usar:

- **Uso Interno:**

- **Pó:** 0,5 a 1 grama: duas vezes ao dia, antes das refeições, juntamente com dois copos de água (Teske, 1994).

Referências Bibliográficas:

1. Informações disponibilizadas pelo fornecedor Quimer.
2. ALBI O, D.S., Código Farmacêutico Brasileiro. 1926.
3. BRUETO, J. Elementos de Fitoquímica y de Farmacognosia. Editorial Acribia.
4. COSTA, A. F. Farmacognosia. Vol. 2. 1994.
5. FARMACOPÉIA BRASILEIRA. 3ª edição. 1977.
6. S.A. Zaragoza. 1991.
7. TESKE, M.; TRETTI, A. M. Herbarium Compêndio de Fitoterapia. 1994.